

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

LORENE CRISTINE SILVA COSTA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DA PEDAGOGA

Ituiutaba

2022

LORENE CRISTINE SILVA COSTA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DA PEDAGOGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (ICHPO/UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Aparecida dos Passos

Ituiutaba

2022

LORENE CRISTINE SILVA COSTA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DA PEDAGOGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (ICHPO/UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Ituiutaba, 03 de novembro de 2022

Banca Examinadora:

Simone Aparecida dos Passos (orientadora) – Doutora (ICHPO/UFU)

Mical de Melo Marcelino – Doutora (ICHPO/UFU)

Lucia Helena Moreira de Medeiros Oliveira – Doutora (ICHPO/UFU)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem Ele não seria possível alcançar meu sonho.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, me dando apoio. Ao meu esposo, Adriano, que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos e a nunca desistir perante as diversidades. À minha mãe, Maria de Fátima, que fez o possível e o impossível para me ajudar em tudo o que eu precisava, me dando a força necessária para conquistar cada objetivo. À minha sogra, Maria Salomé, e aos meus enteados, Adriano Júnior e Wellington Neto, por sempre me darem o suporte necessário. Sem essa ajuda, eu não teria conseguido conciliar os estudos. Aos meus avós, em especial, ao meu avô, Clemildo (*in memoriam*), que sempre me ensinou e me proporcionou ter vivências inesquecíveis, que foi meu amigo, meu pai e o grande mestre, que me encantava com suas histórias e seus ensinamentos. Sou grata por ter tido um avô tão incrível.

Agradeço, também, aos amigos que ganhei na faculdade, em especial, Arlinda Gonçalves, Laura Viera, Laís Almeida, Pauline Resende, Thayná Martins que foram amigas do começo ao fim, dividindo alegrias e tristezas, ansiedades nas apresentações, mas, acima de tudo, a união, que nos permitiu sempre ajudar uma a outra, para concluir cada etapa no curso. Amizades que vão além da faculdade, para toda a vida.

Agradeço a todos os professores que foram responsáveis por meu processo formativo: Cida Satto, Fernanda Duarte, Mical Marcelino, Claudio Gonçalves, Lúcia Helena Oliveira, pelos ensinamentos, não somente das disciplinas, mas para além, contribuindo também para a minha formação humana. Vocês foram muito importantes neste processo. Guardarei todos no coração.

Agradeço também à minha orientadora, Simone Passos, por ser a luz que eu precisava para realizar esse sonho, por ter sido minha professora, amiga, conselheira; por sempre me incentivar e acreditar no meu potencial. Você foi muito importante nesse processo. Agradeço, de coração, por cada ensinamento, puxão de orelha e apoio, do começo ao fim. Você é uma pessoa maravilhosa, que quero levar para a vida. Gratidão!

E, por fim, agradeço a todos que fizeram parte desse processo. Não consigo citar o nome de todos, mas fica aqui o meu muito obrigada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A CULTURA FAMILIAR COMO PARTE DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: SUBSÍDIOS ANTERIORES À GRADUAÇÃO	10
2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	14
3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

RESUMO

O presente trabalho visa evidenciar a importância da contação de histórias na formação de pedagogos, assim como a cultura familiar e sua valorização no processo educativo, pensando-se na formação dos sujeitos. A discussão apresenta a cultura “herdada” pelo pedagogo e as manifestações de preconceito linguístico na expressão da oralidade no processo formativo. Partindo das minhas experiências, cheguei à pergunta inicial deste trabalho: Como uma pedagoga em formação constrói sua performance de contadora de histórias? Nesta pergunta, se tem como referência as questões suscitadas pela cultura familiar e por elementos teóricos e técnicos promovidos pela educação acadêmica. Assim, neste trabalho tivemos como objetivo principal compreender a contação de histórias na nossa formação de pedagogos. Em relação à metodologia deste trabalho, me pautei em Gil (2002), de modo que realizei uma escrita acadêmica que leva em conta a minha experiência, desenvolvi uma abordagem não só biográfica, mas qualitativa e bibliográfica. As reflexões, metodologicamente, se vinculam à experiência de criar contações de histórias durante o curso de Pedagogia, sob a ótica dos autores Abramovich (1997), Antunes (2007), Bagno (2007), Bedran (2012), Bussatto (2003), Café (2000), Castro (1983), Dohme (2001), Faraco (1998), Faria (2008), Fiore (2016), Franchi (2008), Gago e Vieira (2006), Marcuschi (2014), Morais (2012), Mussi, Flores e Almeida (2021) e Pacheco (2006). Nesse sentido, concluímos que a construção de conhecimento a partir da contação de histórias é uma metodologia que potencializa a expressão de si, a oralidade e o diálogo.

Palavras-chave: Arte. Contação de histórias. Cultura familiar.

ABSTRACT

The present work intends to evidence the importance of storytelling in the formation of pedagogues, as well as the family culture and its valorization in the educational process, thinking about the formation of the subjects. The discussion presents the culture "inherited" by the pedagogue and the manifestations of linguistic prejudice in the expression of orality in the formative process. Based on my experiences, I defined as a question for this work: How does a pedagogue in formation construct her performance as a storyteller? In this question, we have as reference the questions raised by family culture and by theoretical and technical elements promoted by academic education. So, in this work we had as our main objective to understand storytelling in our formation as pedagogues. In relation to the methodology of this work, I used Gil (2002), so that I conducted an academic writing that takes into consideration my experience, I developed an approach that is not only biographical, but qualitative and bibliographical. The reflections, methodologically, are linked to the experience of creating storytelling during the Pedagogy course, from the perspective of the authors Abramovich (1997), Antunes (2007), Bagno (2007), Bedran (2012), Bussatto (2003), Café (2000), Castro (1983), Dohme (2001), Faraco (1998), Faria (2008), Fiore (2016), Franchi (2008), Gago and Vieira (2006), Marcuschi (2014), Morais (2012), Mussi, Flores and Almeida (2021) and Pacheco (2006). In this sense, we conclude that the construction of knowledge from storytelling is a methodology that promotes self-expression, orality, and dialogue.

Keywords: Art. Storytelling. Family culture.

INTRODUÇÃO

O tema proposto neste Trabalho de Conclusão de Curso versa sobre a formação de pedagogos e a contação de histórias, tendo como discussão central a valorização da oralidade. O problema de pesquisa surgiu após revermos nossa trajetória no curso de Graduação em Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia – ICHPO/UFU. Neste percurso, tivemos uma “barreira” em relação às apresentações orais. Eu mesma tinha preconceito com a minha “maneira de falar”, sempre que pronunciava “algo errado”, era “corrigida” e me sentia constrangida.

Acredito que o meu jeito de falar seja em razão de ter sido criada por meus avós, nordestinos e analfabetos, seres que irradiavam a cultura de “trabalhadores de roça”, que migraram para Ituiutaba em busca de novas oportunidades de vida. Eles me educaram pelo falar e, conseqüentemente, eu trago a oralidade manifestada por eles e o desejo de buscar me desenvolver nesse sentido.

No decorrer da disciplina “Construção do Conhecimento em Língua Portuguesa”, percebi que não havia nada de “errado” na minha maneira de falar, mas que eu precisava aprender a oralidade da língua culta padrão, pois, na escola terei que estudar e ensinar uma linguagem diferente da que recebi de herança dos meus avós. Em meu processo de formação como pedagoga, trouxe comigo os falares “lá de casa” e me vi desenvolvendo conhecimentos que eram alheios a estes. O encontro desses diferentes saberes teve um impacto significativo em minha vida, algo tensionado. Estudando sobre o ensino da língua, me deparei com textos de Bagno (2007). A partir desse encontro, percebi conexões entre a contação de histórias e o preconceito linguístico – este último vivi em muitas outras situações.

Portanto, este é o motivo da realização deste trabalho, em que busco compreender a importância de se tratar do preconceito linguístico, algo que vivenciei na complexidade da formação de professores, mas também em minha formação humana.

A contação de histórias, atividade com a qual me deparei muitas vezes no curso de Pedagogia, mas não só neste, ajudou-me a me expressar, por isso, ela se torna nosso instrumento de estudo, relato e pesquisa, manifestado neste trabalho. As discussões e práticas de algumas disciplinas despertaram-me a saber mais sobre o assunto – este sempre presente em minha história de vida.

As leituras sobre essa temática puseram-me diante da construção da oralidade e da tensão que se apresenta entre o “falar” cotidiano, sua desvalorização e a minha

performance como pedagoga em formação. Isso me permitiu pensar em meus antepassados e em suas lutas, no nosso presente, na aquisição e recriação dos conhecimentos de gerações.

Café (2000) argumenta que a arte de contar histórias pode ser entendida como uma atividade cultural ainda viva em nossos dias, embora de forma diferente, em razão da complexidade das sociedades atuais. Meu avô sempre me contou histórias, ele inaugurou a minha percepção da importância do contador de histórias na construção do saber. Assim, lembrar a sua forma de contar histórias fez-me refletir sobre o sujeito que, não tendo escolarização, marca a formação de uma pedagoga. Contar a experiência do cotidiano era uma prática na relação que esse meu primeiro mestre estabeleceu comigo. Ele “prendia” a minha atenção, em um misto de falar do aqui-agora, de coisas distantes, reais e imaginárias, na oferta de conhecimentos, vivências e culturas.

A partir da maneira simples de falar do meu avô, construí a minha formação inicial de sujeito, uma mostra da cultura sertaneja do Nordeste, do lugar e dos costumes do meu primeiro educador, que me deixou como herança cultural um falar característico. Assim, para a realização deste trabalho me permiti pensar como o contar histórias contribuiu no desenvolvimento da minha oralidade e com a minha formação, de tal forma que esta apresentação vai além da desvalorização da cultura rural nordestina. Esta é uma escrita marcada pela construção de uma pedagoga valorizando a cultura de onde partiu e de outra que está construindo tendo o contar histórias como uma prática.

Partindo das minhas experiências formativas, cheguei à pergunta inicial deste trabalho: como uma pedagoga em formação constrói sua performance de contadora de histórias? Nesta pergunta, se tem como referência as questões suscitadas pela oralidade aprendida no contexto familiar e por elementos teóricos e técnicos promovidos pela educação acadêmica. Assim, neste trabalho tivemos como objetivo principal compreender a contação de histórias na nossa formação de pedagogos. Desse modo, os objetivos específicos, que contribuem para o entendimento do objeto, são: a) compreender a cultura familiar como parte da formação do sujeito; b) apresentar a contação de histórias na formação do pedagogo; c) e discutir a contribuição da contação de histórias como prática e técnica para o desenvolvimento da oralidade.

Em relação à metodologia deste trabalho, realizei uma escrita acadêmica que leva em conta a minha experiência. Mussi, Flores e Almeida (2021) escreve que o

[...] o relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo, é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021, p. 65).

Procurei realizar uma abordagem não só biográfica, mas qualitativa e bibliográfica. Nesse sentido, a tentativa foi buscar rigor e planejamento. Recorri a Gil (2002), que afirma que a pesquisa é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p. 17). A partir deste ponto passamos a uma escrita no plural, pois é também uma escrita orientada por procedimentos acadêmicos, e não somente por uma intenção de construção memorialística. Buscamos uma literatura produzida a respeito da temática estudada que pudesse subsidiar, delineando respostas aos questionamentos apresentados. Realizamos um levantamento bibliográfico, desenvolvido “[...] com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Sabendo disso, com um planejamento flexível e a partir do aprofundamento das escritas produzidas em estágios e disciplinas, a intenção encaminhou-se à exploração e interpretação do tema, buscando aprimorar nossas ideias e concepções a respeito da complexidade da contação de histórias na formação de pedagogos.

Traçamos um texto dividido em três partes. Na primeira, intitulada “*A cultura familiar como parte da formação do pedagogo: subsídios anteriores à graduação*”, trazemos uma discussão sobre a importância da cultura popular e do ato de contar histórias, e a linguagem “herdada” como forma de valorizar a primeira formação. Na tentativa de tratar o preconceito linguístico na construção da oralidade, a discussão foi elaborada a partir dos seguintes autores e autoras: Antunes (2007), Bagno (2007), Bedran (2012), Castro (1983), Faraco (1998), Franchi (2008), Pacheco (2006).

Na segunda parte, nomeada de “*A contação de histórias na formação do pedagogo*”, apresentamos a importância do processo formativo na construção da performance de pedagogos a partir da contação de histórias, desde o dizer, o mediar, até o contar de forma que se propicie a potencialização da oralidade diante do diálogo. Para essa discussão, nos baseamos nos estudos de Abramovich (1997), Bussatto (2003), Café (2000), Dohme (2001), Faria (2008) e Gago e Vieira (2006).

Por último, em “*A contação de histórias como prática para o desenvolvimento da oralidade*”, discutimos a contação de histórias como uma prática de ensino, uma

afirmação de cunho técnico para construção da oralidade, em que pela narrativa se estabelecem diálogos, na construção dos saberes. Para esta discussão, abordamos os autores e autoras Fiore (2016), Marcushi (2014) e Moraes (2012).

Está escrita, para nós, é uma experiência rica, ela demonstra como aprendemos maneiras de contar histórias para as crianças. Percebemos que quando nos preparamos para contar, “as coisas” fluem, o corpo se entrega a transmitir emoções, uma sensação única de um magistério criativo.

1 A CULTURA FAMILIAR COMO PARTE DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: SUBSÍDIOS ANTERIORES À GRADUAÇÃO

Parte importante de nossa formação humana trazemos do convívio familiar, da cultura herdada dos antepassados. Nessa perspectiva, meu avô, Clemildo Luciano dos Santos, a partir da sua linguagem coloquial me proporcionou conhecer histórias e vivências de gerações. Suas narrativas permitiram-me acesso a conhecimentos que despertaram em mim o gosto pela contação de histórias. Nesse sentido, Bedran (2012) argumenta que:

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre. Contando sua própria história e do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como recurso vital e fundamental, sem ela, a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível (BEDRAN, 2012, p. 25).

As narrativas de Clemildo eram construídas tendo por base suas lutas, as questões do cotidiano, mescladas aos caminhos que trilhava em uma narrativa única. Relembrando o seu contar, refletimos sobre o sujeito que, mesmo não tendo escolarização, marca a formação de uma pedagoga. O contar histórias era uma prática desse homem no trato com a família, ele “prendia” a atenção de sua comunidade pelo falar, ele encantava e ensinava a criança que eu era.

No exercício profissional do pedagogo, ensinar é inerente, e contar uma história pode ser uma das maneiras de se executar o ensino. Nas palavras de Bedran (2012, p. 25), “a criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e ao mesmo tempo a chance de dialogar com a cultura que a cerca e, portanto, de exercer sua cidadania”. Pacheco (2006), por sua vez, afirma que:

Reconhecer a tradição oral e considerar que o patrimônio cultural brasileiro não se reduz ao que está escrito nos livros e, portanto, não é propriedade das pessoas alfabetizadas ou letradas. É considerar que o patrimônio cultural é também formado por um tesouro vivo em bens imateriais que são transmitidos oralmente de geração em geração em diversas áreas do conhecimento, não apenas nas artes ou religião. Existe um sistema de educação informal, uma cultura que resiste ao ciclo intergeracional da pobreza e produzindo uma riqueza cultural e identitária no Brasil (PACHECO, 2006, p. 41).

Dessa maneira, é importante ressaltar que nossa primeira formação foi adquirida no seio familiar, transmitida oralmente. Essa nos permitiu conhecer valores, costumes, modos de narrar entre tantos conhecimentos e saberes. A partir da contação conhecemos

uma diversidade de histórias que contribuíram na valorização da linguagem herdada e na construção da minha oralidade. Também pude conhecer, valorizar a cultura em que meu avô foi criado, imaginando, criando e resgatando memórias que são importantes na construção de quem somos.

No caso da língua falada, muitas vezes ela foi e é desvalorizada na escola. O ensino da gramática e da norma culta sem considerar as especificidades do sujeito do processo de aprendizagem acaba gerando preconceito e limitando a construção da oralidade, em muitos casos.

Nessa perspectiva, Franchi (2008, p. 12) argumenta que “Do ponto de vista do uso da língua devem se adequar seu dialeto a bela linguagem que normalmente não é sua, nem de seus pais, nem da comunidade, mas a única certa e oficial da escola. Tudo o que não corresponde às normas é corrigido e estigmatizado pelo mestre”. Diante disso, pensamos que ter conhecimento sobre as variações da língua é algo muito importante para que não se construa no ambiente escolar preconceitos com a própria maneira de falar.

De acordo com Castro (1983), falamos a Língua Portuguesa que tem origens no indo-europeu, há 4.000 anos a.C, sendo influenciada pelo latim vulgar e romântico de 700 a 600 a.C, que posteriormente, em 900 d.C, deu origem ao galego-português. Então, a partir de 1.600 o português expande-se para África, Ásia e América do Sul. Toda esta história da língua chega até nós. O falar é mutável, e mesmo que não queiramos, ele sofrerá alterações diante da história humana.

A oralidade é composta por diversas variações linguísticas, por termos que geram diferenças. Diante de tanta diversidade linguística, o preconceito praticado limita a construção da oralidade ao querer decidir o culto como a única maneira correta de se falar, assim, exclui-se o popular.

Antunes (2007) apresenta que nem todo uso da língua tem que se pautar pela norma culta e ressalta que:

Tem-se em mente, assim o mito de uma língua uniforme, sem variação, sem adequação à situação em que é usada e, lá no fundo, o outro mito de que norma culta é inerentemente melhor que as outras. No entanto, a ciência linguística defende que o bom uso da língua é aquele que é adequado às condições de uso (ANTUNES, 2007, p. 104).

Assim, faz-se necessário compreender e valorizar as diversas maneiras de falar, principalmente a adquirida na cultura familiar, permitindo-nos comunicar, relacionar, contar histórias que valorizem a condição de homem e mulher no seu espaço de vivência.

Marcos Bagno (2007) argumenta que

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre a língua e a gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo [...]. Também a gramática não é a língua (BAGNO, 2007, p. 9).

Nesse sentido, a padronização é algo complexo, que apaga a diversidade de expressões dos sujeitos. O país tem, nas suas diferentes regiões, variações linguísticas que surgem diante dos fatores geográficos, socioculturais e individuais. Logo, a negação dessas diferenças causa práticas discriminatórias, impondo uma única forma de falar, assim, pressupõe-se o apagamento de identidades.

Faraco (1998), em seu texto, retrata que as línguas mudam com o passar do tempo, e que não existe uma língua homogênea: toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades. Antunes (2007) defende que:

Existe situações sociais diferentes: logo, de haver também padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existe variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas, existe, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas. E, como tais são condicionadas por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua (ANTUNES, 2007, p. 104).

A prática da linguagem popular no ambiente acadêmico é marcada, muitas vezes, pelo preconceito linguístico e pela discriminação das variedades linguísticas, surge o padrão de fala correta, desconsiderando, então, a diversidade e levando à exclusão social. Marcos Bagno (2007) afirma que o preconceito linguístico está fundamentado na ideia fixa de que existe uma única Língua Portuguesa digna desse nome, e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. No entanto, entendemos que o educador não pode se formar em preconceitos, deve abrir-se para a cultura em que estão os sujeitos que com ele participam do processo educativo.

Assim, o reconhecimento da variação linguística é importante, a realidade é plural, assim como afirma Bagno (2007). A comunidade nordestina que vive em Ituiutaba “arenga” pela sua expressão, ou seja, “briga” pela sua cultura, algo que lhe é próprio. E neste arengar herdado, pensamos a contação de histórias como prática que leva conhecimentos de geração em geração, pelo exercício da oralidade. Na tensão que se

apresenta entre o falar e sua (des)valorização, nos permitimos pensar o tempo presente, a aquisição e recriação dos conhecimentos de gerações.

A cultura herdada se manifesta como potência em minha formação, alimenta o gosto por contar história, nos permitindo comunicar o afeto, a linguagem, com suas variações, e o encantar.

Dessa maneira, é de grande importância valorizar a primeira formação, principalmente linguística, na tentativa de diminuir o preconceito linguístico e oportunizar uma formação que valorize a cultura herdada, de modo que a contação de histórias pode ser um grande aliado que o pedagogo pode utilizar para sua plena formação.

Diante do exposto é necessário o pedagogo em formação ter conhecimentos sobre a diversidade cultural existente deste do ato de falar para que não se construa preconceitos, de modo que ter conhecimentos sobre como contar e mediar história é importante para que possa a partir da mesma trabalhar a oralidade, valorizando a fala por meio da diversidade cultural existente na literatura.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

A contação de histórias, como afirma Bussatto (2003), é uma arte rara, sua matéria-prima é o imaterial e o contador é um artista que tece os fios invisíveis desta teia – que é o contar. Para Abramovich (1997),

É ouvindo história que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Quando ingressei no curso de Pedagogia, participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no projeto de Alfabetização, de dezembro de 2015 a março de 2017. Nesse projeto, tivemos mais uma aproximação com a contação de histórias, permitindo-nos trabalhar a oralidade na forma culta padrão. Nos planos de aulas elaborados para as intervenções, sempre buscamos colocar uma história que nos possibilitava um diálogo fundamental para a construção da oralidade.

Essa ocasião proporcionava à criança ler o mundo, por meio da escuta, e a expressão de si mesma. Este era um momento essencial, em que se despertava o gosto de ouvir história e o prazer de mediar um texto.

Abramovich (1997) afirma que é fundamental para o desenvolvimento de qualquer criança ouvir histórias, possibilitando, através da narrativa, que a criança conheça e compreenda o mundo à sua volta. Assim argumenta o autor: “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Desse modo, nas histórias trabalhadas utilizamos, muitas vezes, as fábulas, que são um gênero textual interessante para se trabalhar no Ensino Fundamental. Acreditamos que as fábulas contribuem com a imaginação e o prazer em ouvir história, estimulando o gosto pela leitura. A esse respeito, Gago e Vieira (2006) destacam que

[...] os textos desse gênero textual são normalmente uma narrativa breve, de natureza simbólica, por isso de fácil assimilação por parte dos leitores. Proporcionando distração e reflexão, uma vez que apresentam um provérbio que os conclui, sendo este o maior atrativo das fábulas,

além dos diálogos e do fato de seus personagens serem, geralmente, animais, cujas reações são comparadas às dos seres humanos (GAGO; VIEIRA, 2006, p. 48).

Nas atividades do PIBID relacionadas às histórias, eu não tinha consciência do contar histórias e acabava, muitas vezes, repetindo a ação de ler as fábulas, isto quer dizer, o texto em uma leitura linear, e não havia o exercício de uma leitura dramática. Eu lia e não conseguia fazer uma conexão com o encantamento que as palavras de meu avô produziam em mim. Nesse sentido, passei a refletir sobre como mediar e contar uma história, a escolha do tema, seu preparo e a busca por trazer significado e contribuir na construção da troca de saberes.

A partir do PIBID, tivemos a oportunidade de estudar e ter conhecimentos sobre como mediar e contar uma história, onde são necessários momentos de aprendizagem. Nesse sentido, Abramovich (1997) afirma que

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases dos nomes [...]. Se capta o ritmo, a cedência do conto fluindo como uma canção [...]. Ou se brinca com a melodia dos versos, com acerto das rimas, com o jogo das palavras [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 18).

Assim, no PIBID criamos um projeto em que o foco foi aproximar as crianças do livro e estimular o hábito da leitura. Contar uma história de forma lúdica na qual seríamos os personagens foi a estratégia escolhida. Na intervenção, usamos a obra “Até as princesas soltam pum”, da autora Ilan Brenman. Pude fazer o papel da Branca de Neve, para isso, tive que ler a história várias vezes, ensaiar e apresentar em forma de teatro. Nessa experiência, dialogamos com o texto em uma perspectiva diferente, não era apenas dizer as palavras, havia a projeção, as entonações e eu precisava interpretar. Vale ressaltar que o preparo antes de contar a história é fundamental para que se propicie diálogos de incentivo à leitura.

Na direção dessas ideias, Café (2000) afirma que

Nesse sentido, a atuação de contadores de histórias nas escolas pode contribuir para a alteração dessa realidade, auxiliando e orientando o despertar do gosto pela leitura, contar e ouvir histórias, tanto nos alunos como professores, que, naturalmente, sempre precisam de novos estímulos em seu cotidiano escolar, desenvolvendo também a comunicação por meio da linguagem corporal e oral, associada a outras formas de linguagem (CAFÉ, 2000, p. 13).

Como estávamos em um processo de construção de conhecimentos, estudamos sobre a importância da contação de histórias e como ela poderia ampliar a utilização da literatura infantil no cotidiano escolar, intensificando a consciência das crianças e potencializando sua oralidade, como consequência do diálogo acerca da história.

Afirmávamos no projeto que uma boa contação de histórias era uma ferramenta para estimular o gosto pela leitura. Com esse objetivo, estudamos, montamos cenário, figurinos, adereços, construímos personagens. Para o cenário, elaboramos um baú onde colocamos vários livros, de modo que as crianças poderiam ter acesso aos mesmos após a contação de histórias. Tudo foi planejado tomando como referência as ilustrações do livro, feitas pelo ilustrador Lonit Zilberman. Destacamos neste processo o título da obra, a autora e o ilustrador.

Fizemos a apresentação para uma escola inteira. Nesse dia, percebi que, mesmo não tendo inicialmente conhecimento sobre técnicas teatrais, o resultado daquele trabalho me impactou profundamente, me senti bem, ao realizá-lo. Durante a apresentação, percebemos o quanto essa atividade foi importante para a nossa formação. Sentir a emoção que aquela apresentação me despertou, o prazer, tanto dos atores quanto da plateia, foi importante para nós. Aqui, destacamos que no prazer se insere uma parte significativa da aprendizagem. Essa oportunidade me permitiu, no uso da oralidade, explorar a minha criatividade e meu desejo de contar histórias.

Sobre a contação de histórias, Bussatto (2003) traz o seguinte:

Acredito que ler histórias para os alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico, porém contar histórias vem a ser uma outra técnica, e nos remete aquela figura ancestral, que ao redor do fogo, ou pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, aquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade (BUSSATTO, 2003, p.10).

Assim cada história ouvida nos permitia ter conhecimentos, resgatar memórias e nos encantarmos. Cada história traz consigo uma oportunidade de refletirmos e de construirmos nossa formação.

Outra experiência formativa que me trouxe prazer e aprendizagem foi o desenvolvimento do projeto da disciplina de Estágio Supervisionado III, na qual tratamos sobre as relações étnico-raciais, compreendendo as identidades e as diferenças entre povos. Tivemos a oportunidade de estudar a Literatura de Cordel: a história de “Lampião e Maria Bonita”, da autora Mariane Bigio. Utilizamos marionetes para a apresentação da história.

Dohme (2001) aponta que essa técnica desenvolve o senso estético, a atenção e a imaginação. Essa é uma ótima ferramenta para ser utilizada em sala de aula, pode auxiliar o professor em atividades lúdicas e que dependem da concentração do público. A utilização de músicas e efeitos sonoros também é bem-vinda quando se trata do teatro de marionetes, pois a música proporciona um ambiente mais lúdico, criativo, dando ar de realidade para a história que está sendo contada. A Literatura de Cordel manifesta princípios da cultura popular brasileira, apresentando, principalmente, características da região Nordeste do país.

Os cordéis são encontrados em pequenos livros e uma de suas principais características é a sua ilustração, feita em xilogravura. Estudamos sobre os personagens, fizemos um cenário. Essa foi outra atividade importante para se perceber o quanto é importante a escolha do tema, seu preparo e a construção de significados, especialmente quando se exercita práticas de natureza artística, como é o caso da contação de histórias, que trabalha um espectro ampliado de construção do conhecimento.

A partir da Literatura de Cordel, pudemos trabalhar as diferenças étnico-raciais, sociais e econômicas dos brasileiros, diferenças regionais relacionadas à cultura oral dos povos e as diferenças espaciais, marcadas por características próprias de cada região do país.

A inclusão da literatura desde os Anos Iniciais contribui diretamente para o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança, por meio das diferentes experiências que ela pode proporcionar aos leitores. É necessário, desde sempre, apresentar contato com as variações linguísticas, sem preconceito, para saber que o outro também se expressa na linguagem que não é a culta padrão. Por isso, contar histórias da cultura brasileira é importantíssimo na formação da criança. De acordo com Faria (2008),

O aprendizado da leitura não dispensa, desde o início da alfabetização, os livros para as crianças. O trabalho de automatização da decodificação deve ser concomitante com o da leitura de textos variados. Daí, na iniciação literária desde a pré-escola, a importância dos livros de imagem, com ou sem texto escrito, no trabalho com as narrativas. Eles podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação (FARIA, 2008, p. 22).

Comprendemos que a contação de histórias favorece a formação crítica e intelectual das crianças. O professor, ao contar histórias, proporciona aos seus alunos possibilidades para a compreensão, significação e (re)significação da realidade,

oportunizando, assim, meios para a criança problematizar, levantar soluções e intervir em sua realidade.

É necessário que as histórias contadas instiguem a imaginação, a criatividade e a autonomia, respeitando a cultura de cada um. Segundo Faria (2008), as competências ligadas à compreensão do texto e à satisfação que este pode proporcionar provém de duas fontes: “aquelas que as crianças já trazem de casa antes da alfabetização e aquelas que elas podem adquirir na escola ou em atividades de leitura em geral” (FARIA, 2008, p. 18).

Dentre as diversas recompensas que a literatura proporciona ao desenvolvimento, destacamos a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento das habilidades linguísticas, como falar, escutar, ler e escrever. É oportuno lembrar que esta também contribuiu com nosso desenvolvimento docente em diferentes aspectos, sejam eles sociais, cognitivos, físicos, psicológicos ou morais.

Dessa maneira, fica evidente que a contação de histórias é uma prática antiga, que sempre permitiu regatar conhecimentos, e uma ferramenta importante no processo educativo, de modo que o pedagogo pode utilizá-la para construção de diversos conhecimentos, fortalecendo, também, a construção da oralidade.

3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

Relatando sobre a contação de histórias como uma prática para o desenvolvimento da práxis pedagógica, destacamos a diversidade linguística e a oralidade como parte da identidade do sujeito. Sabemos que a oralidade é uma ferramenta fundamental para as relações com o meio. Nesse sentido, devemos considerar a língua falada em sua diversidade de forma positiva.

De acordo com Marcuschi (2014, n.p.), a oralidade está intimamente “relacionada ao uso da modalidade oral da língua em práticas sociais e discursivas [...] à sua produção [...] à sua escuta. Envolve a ação de linguagem de sujeitos ativos e responsivos em contextos interacionais diversos [...]”.

A oralidade é um pilar da contação de histórias, e como arte, tem como uma de suas finalidades a interação entre contextos, a partir da linguagem verbal. Dessa maneira, quando um avô conta uma história para sua neta, ele está envolvido em uma prática social. A linguagem é representada de diversas formas, sendo uma prática que contribui significativamente na construção da visão de mundo e da identidade, permitindo a socialização através da originalidade, do conviver e do contato com a língua falada.

Segundo Morais (2012, p. 15), “O narrador ou contador de histórias é o agente que (re) produz o texto de forma oral”. Quando, ouvimos uma história, seja ela qual for, entramos em um processo de imaginação e ilustração do que está sendo falado. Nessa perspectiva, quando pedimos uma atividade de reinventar a história, nos deparamos com várias versões e significados – uma verdadeira dimensão do ser e do existir.

Contar história é uma ação que contempla saberes interdisciplinares que tocam a arte, a cultura, a construção da identidade. Fiore (2016) afirma que:

Sabemos que a contação de história faz parte da interação humana e que é um dos meios mais antigos usados desde o início da humanidade para as necessidades basilares do homem como transmitir conhecimentos, estimular a imaginação e a fantasia. Hoje vemos os professores explorando as histórias para elucidarem valores morais, despertando em seus alunos a curiosidade e a criticidade, colaborando também para disciplinar e desenvolver o interesse pela leitura (FIORE, 2016, p. 108).

No âmbito escolar, os educadores utilizam da contação de histórias, muitas vezes, para explorar datas comemorativas, por meio de projetos. Porém vale ressaltar que a

contação proporciona muito além de normas disciplinares, morais ou comemorativas, ela estimula a fala e o corpo. Fiore (2016) ainda afirma que:

Os professores devem conhecer as histórias de maneira mais profunda. Desta forma, irão melhorar significativamente a maneira de trabalhar com essas ferramentas, devem também observar se essas histórias servirão para o desenvolvimento sadio das crianças e para o bem-estar delas, pois tudo depende do modo como se contam as histórias, dos cenários e dos seus conteúdos (FIORE, 2016, p. 111).

Ou seja, cabe aos professores o conhecimento das obras a serem trabalhadas e das necessidades individuais (e coletivas) de seus alunos, de modo que colaborem no desenvolvimento dessas crianças. A autora também afirma que

O professor deve se preocupar com o contexto em que seus alunos estão inseridos, não fugindo da realidade deles, para que possam sentir em um processo reconhecido pela própria escola. Os alunos aprendem melhor quando seus conhecimentos são trabalhados e unidos a uma nova aprendizagem (FIORE, 2016, p. 109).

Além de trabalhar a atenção e a reflexão, esta é uma prática que desperta a sensibilidade e a descoberta de identidade. A maneira como criamos um elo entre contador e ouvinte nos leva a aprendizagem, a fala e ao pensamento. Nessa perspectiva, Fiore (2016, p. 109) afirma “que as histórias necessitam estarem sempre no cotidiano da criança por serem fascinantes, ajudando os alunos de várias formas durante esta fase, propiciando também a aproximação social e familiar e com as pessoas que elas convivem”.

Quando ouvimos ou contamos uma história, nós voltamos a elementos originários, à primeira noção de aprendizagem com o outro: o falar e o ouvir. Nisto, é importante que se saiba que não é simplesmente dizer uma história, mas que há critérios para a escolha do tema, que deve estar de acordo com a cultura de quem irá ouvir a história. Ter afinidade com o texto faz toda a diferença na aquisição e no encantamento sobre os conhecimentos, para que haja interação, e, principalmente, significado para quem for ouvir, estabelecendo a troca de diálogos com quem está contando.

Morais (2012) argumenta sobre a importância que se tem em

Adequar a escolha da história à necessidade e realidade do grupo para qual se vai contar também é importante, sobretudo quando o narrador permite um contato que suscite perguntas e respostas internas aos anseios dos ouvintes. Contar história não é monólogo, mas um constante diálogo (MORAIS, 2012, p. 49).

A oralidade, quando trabalhada no dia a dia, tem muita importância para o desenvolvimento de todos. Ela é capaz de despertar a boa comunicação, trabalhar com as diferenças linguísticas, as estratégias didáticas e proporcionar momentos em que haja socialização, além de promover uma aprendizagem significativa.

Todavia, lembramos que a oralidade começa a ser construída na vida intrauterina, passando pela fase que somos crianças, no diálogo com nossos pais, avós, tios, tias. No núcleo familiar começa a contação de histórias de vida, de tradições. Assim, nós, enquanto futuros pedagogos, precisamos levar em consideração esses aspectos, com o intuito de favorecer o desenvolvimento a diversidade de ser quem somos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acreditamos que é importante discutir a temática da contação de histórias na formação da pedagoga para construirmos laços e desenlaço no processo educativo, pois este trabalho dá ênfase à identidade de cada ser que se educa. Por meio, dos referenciais teóricos que deram suporte à presente pesquisa, consideramos que a literatura oral e a escrita são de relevância para o desenvolvimento cultural da criança e da oralidade.

A cultura, em toda a sua complexidade, faz parte da formação do pedagogo, nisto, a cultura familiar deve ser vista dentro do âmbito escolar como um princípio da construção do conhecimento articulado à interdisciplinaridade e diversidade existente dentro de sala de aula, pois a cultura é identidade. Quando nos deparamos com situações que envolvem a “correção” da fala, o que é o muito recorrente, temos que tomar cuidado para não bloquear uma cultura em detrimento de outra, pois a expressão de cada indivíduo do processo educativo é importante.

A contação de histórias na formação do pedagogo é importante para atuar na educação formal, mas não só nesta, pois abrem-se caminhos para a não formal e informal. Ela precisa ser compreendida como prática artística, como oralidade, experiência formativa, apresentação de histórias. Percebemos como é importante para o pedagogo em formação ter acesso a elementos teóricos e técnicos sobre como mediar e contar as histórias levando prazer, conhecimento, cultura e incentivo à leitura. A norma culta padrão está entre os instrumentos a serem manejados nesta construção, mas não só ela, pois, para construir a oralidade, devemos levar em consideração o conhecimento prévio de cada aluno, de cada pessoa.

Acreditamos que é importante um movimento interdisciplinar entre a literatura e a Língua Portuguesa para o desenvolvimento da oralidade. O pedagogo deve compreender que a oralidade significa pensar a linguagem para além do tempo presente. Ele contribuirá para socialização, o despertar para a leitura, a expressão artística etc. A contação de histórias, como uma ferramenta pedagógica, contribui para o desenvolvimento social, para a ampliação do vocabulário, da imaginação, linguagem e pensamento. Para além disso, colabora para criação de concepções, interação e diálogo, é parte da vida humana e possui fatores individuais, geográficos e socioculturais envolvidos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processo criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BUSSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores**. 2000. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detail/197842>. Acesso em: 24 jul. 2022.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 14, 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20822>. Acesso em: 24 jul. 2022
- DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias**. 4. ed. São Paulo: Editora Informal, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1998.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. Editora Contexto, 2008.
- FIORE, Miriam. A importância da história na sala de aula na perspectiva da neuroeducação: a atuação do professor!. In: SANTOS, Fábio Cardoso dos; CAMPOS, Ana Maria Antunes de (orgs.). **A contação de histórias: contribuição à neuroeducação**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2016, p. 107-118.
- FRANCHI, Eglê Pontes. **A redação na escola: e as crianças eram difíceis**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GAGO, Paulo Cortes; VIEIRA, Lucilene Santos Lima. O processo de retextualização a partir do gênero textual fábula: uma pesquisa participativa com alunos do 3º ano do ensino fundamental. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 6, n. 1, p. 45-62, 2006. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/articula/view/321. acesso em: 24 jul. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUSCHI, Beth. **Glossário Ceale**. 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MORAIS, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.